

Escrevivência e psicologia da descolonização: narrativas negras como dispositivo de escuta na educação

Katarynne Martins da Silva

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21138314>

Algumas histórias chegam antes das palavras.

Elas aparecem nas pausas, nos silêncios, nos olhos que hesitam antes de falar. Na escola, muitas dessas histórias atravessam corredores sem nunca serem registradas. São experiências que habitam corpos marcados por trajetórias de trabalho precoce, racismo, maternidades atravessadas por ausência de apoio e interrupções escolares que parecem se repetir ao longo das gerações.

Em meio a essas histórias, surgem narrativas que não cabem apenas na linguagem pedagógica ou nos relatórios institucionais. São memórias, dores, resistências e reinvenções que pedem escuta.

Foi nesse encontro com narrativas negras que nasceu este trabalho.

De onde falo

Falar sobre educação no Brasil é, inevitavelmente, falar sobre desigualdades que atravessam corpos, histórias e territórios. Este trabalho nasce de um lugar situado e assume que produzir conhecimento também é um exercício de memória, escuta e implicação. As experiências de mulheres negras não aparecem apenas como objeto de investigação, mas como fundamento epistemológico desta reflexão. Ao reconhecer que saberes são produzidos a partir das vivências e dos territórios, este trabalho assume uma perspectiva comprometida com a valorização de experiências historicamente silenciadas.

A educação brasileira não pode ser compreendida à margem das marcas deixadas pela colonialidade e pelo racismo que estruturam a sociedade. As desigualdades educacionais que atravessam a vida de mulheres negras não são fenômenos isolados, mas expressões de uma engrenagem social historicamente construída para hierarquizar corpos, saberes e modos de existência (Quijano, 2005; Almeida, 2019). Como evidenciam Gonzalez (1988) e Carneiro (2011), a desvalorização das experiências negras ultrapassa o campo das relações interpessoais e alcança as instituições responsáveis pela produção e circulação do conhecimento. Nesse contexto, a escola, embora possa constituir espaço de transformação, também participa

da reprodução de hierarquias raciais, sociais e epistemológicas herdadas do projeto colonial.

Nesse cenário, a Psicologia da Descolonização emerge como um campo crítico que tensiona os limites das abordagens tradicionais, propondo a valorização de saberes historicamente silenciados e o desenvolvimento de práticas de escuta sensíveis às experiências de sujeitos racializados. Tal perspectiva mostra-se especialmente relevante no contexto educacional brasileiro, marcado pela persistente invisibilização de narrativas negras na produção do saber. Como argumenta Carneiro (2011), o epistemicídio atua na desqualificação sistemática dos conhecimentos produzidos pela população negra, restringindo sua presença nos espaços de legitimação do conhecimento. Desse modo, reconhecer as narrativas negras como produtoras de saber constitui também um movimento de enfrentamento às heranças coloniais presentes na educação.

É nesse horizonte que o conceito de *escrevivência*, desenvolvido por Conceição Evaristo (2014), configura-se como uma chave analítica potente para pensar as relações entre memória, experiência e produção de saber. Ao reconhecer a narrativa como expressão da experiência vivida e da memória coletiva, a *escrevivência* desloca os modos tradicionais de produção do conhecimento e afirma as histórias de mulheres negras como fontes legítimas de elaboração intelectual.

Reconhecer essas narrativas no campo educacional amplia as possibilidades de escuta e compreensão dos processos de subjetivação, considerando que a escola também é espaço de produção de identidades, memórias e pertencimentos. Ao valorizar experiências historicamente silenciadas, as *escrevivências* possibilitam deslocar o olhar das ausências para as potências inscritas nas trajetórias negras. Nessa perspectiva, assumir a *escrevivência* como dispositivo de escuta implica questionar quais vozes são legitimadas nos processos educativos e quais continuam sendo marginalizadas. Trata-se de um movimento que tenciona práticas pedagógicas e psicológicas marcadas pela colonialidade do saber e amplia as possibilidades de reconhecimento de diferentes formas de existir, narrar e produzir conhecimento.

Dessa forma, este estudo se justifica pela necessidade de ampliar o diálogo entre Psicologia da Descolonização, narrativa e educação, contribuindo para a construção de práticas mais sensíveis às experiências de sujeitos historicamente marginalizados e para o enfrentamento das desigualdades raciais no contexto educacional.

Assim, este trabalho busca discutir as contribuições do conceito de escrevivência para a Psicologia da Descolonização, analisando as narrativas negras como dispositivo de escuta e produção no contexto educacional.

Diante desse cenário, coloca-se a seguinte questão: de que forma a escrevivência pode contribuir para a Psicologia da Descolonização ao reconhecer as narrativas negras como dispositivo de escuta e produção de saber no contexto educacional?

Intencionalidade da pesquisa

Analisar as contribuições do conceito de escrevivência para a Psicologia da Descolonização, compreendendo as narrativas negras como dispositivo de escuta e produção de conhecimento no contexto educacional.

Caminhos metodológicos

Como esta pesquisa se constrói

O estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, teórica e bibliográfica, orientada por perspectiva crítica e descolonizadora. A abordagem qualitativa permite compreender fenômenos sociais e subjetivos por meio da análise de significados, experiências e processos de subjetivação (Minayo, 2014). Já a pesquisa bibliográfica, conforme Gil (2008), baseia-se em materiais como livros e artigos científicos, possibilitando a análise e a articulação de diferentes contribuições teóricas sobre o tema.

Percursos e escolhas

O desenvolvimento do presente estudo ocorreu entre os meses de fevereiro e março de 2026. Os procedimentos metodológicos consistiram no levantamento, seleção e análise de obras acadêmicas relacionadas aos temas centrais da pesquisa: colonialidade, Psicologia da Descolonização, escrevivência, narrativas negras e educação (Quadro 1). Para isso, foram consultados livros, artigos científicos, capítulos de livros e produções acadêmicas disponíveis em bases de dados e bibliotecas digitais.

Quadro 1 - Autores, obra analisada e ano de publicação

Autora/Autor	Obra analisada	Ano de publicação
Frantz Fanon	Pele negra, máscaras brancas	2008
Aníbal Quijano	Colonialidade do poder	2005
Lélia Gonzalez	Por um feminismo afro-latino-americano	1988
Sueli Carneiro	Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil	2011
Conceição Evaristo	Olhos d'água	2014
bell hooks	Ensinando a transgredir	2013
Nilma Lino Gomes	O movimento negro educador	2017

Fonte: própria autoria (2026).

A seleção dos materiais considerou a relevância teórica das obras para a discussão proposta, priorizando produções que abordam criticamente as relações entre colonialidade, produção de conhecimento, experiências negras e práticas educativas.

Modos de análise

A análise dos materiais foi realizada por meio de leitura interpretativa e análise temática de conteúdo, com foco na identificação de conceitos e contribuições teóricas relevantes ao objeto de estudo.

Análises e tensionamentos

Colonialidade e psicologia da descolonização

A compreensão das desigualdades presentes nas instituições sociais, incluindo a escola, exige a análise dos processos históricos que estruturaram as relações de poder nas sociedades modernas. Nesse contexto, a noção de colonialidade constitui uma importante ferramenta teórica para compreender como hierarquias raciais, culturais e epistemológicas permanecem operando mesmo após o fim formal do colonialismo. O conceito de colonialidade do poder, desenvolvido por Aníbal Quijano (2005), indica que o processo colonial produziu uma classificação racial da humanidade que passou a organizar as relações sociais, econômicas e culturais no sistema-mundo moderno.

No campo das ciências humanas e da psicologia, a crítica à colonialidade também tem sido elaborada a partir das reflexões de Frantz Fanon (2008), que analisou os efeitos psicológicos do colonialismo sobre os sujeitos racializados. Para o autor, o racismo colonial produz impactos profundos na constituição da subjetividade, afetando as formas de reconhecimento, pertencimento e construção da identidade (Fanon, 2008).

No contexto brasileiro, diversas intelectuais negras têm contribuído para aprofundar a análise das relações entre a colonialidade, o racismo e a produção do conhecimento. Lélia Gonzalez (1988) destaca que a formação social brasileira foi marcada por processos de exclusão e silenciamento das populações negras, especialmente das mulheres negras, cujas experiências foram historicamente invisibilizadas nas narrativas oficiais da sociedade. Para a autora, compreender a realidade brasileira exige visibilizar a centralidade das relações raciais e de gênero na organização das desigualdades sociais.

De maneira semelhante, Sueli Carneiro (2011) argumenta que o racismo estrutural atua na deslegitimação das experiências e dos saberes produzidos por sujeitos negros, configurando processos de exclusão também no campo da produção intelectual. Esse fenômeno, frequentemente denominado epistemicídio, refere-se à desvalorização sistemática de conhecimentos produzidos por grupos historicamente subalternizados.

Diante dessas reflexões, a Psicologia da Descolonização emerge como uma perspectiva crítica que busca questionar os limites das abordagens tradicionais da psicologia, propondo a construção de práticas de escuta e de produção de conhecimento comprometidas com a valorização das experiências de sujeitos historicamente marginalizados. Ao afirmar os efeitos da colonialidade nos processos de subjetivação, essa abordagem contribui para a construção de práticas psicológicas mais sensíveis às dimensões sociais, históricas e culturais que atravessam a constituição dos sujeitos.

Narrativa, memória e escrivência

A valorização da experiência como fonte legítima de saber constitui um dos eixos centrais das epistemologias críticas. Nesse contexto, a narrativa se apresenta como instrumento de elaboração da memória e de produção de sentido sobre a experiência vivida, articulando dimensões individuais e coletivas.

No caso das mulheres negras, narrar é também resistir. As narrativas tensionam processos históricos de silenciamento e afirmam a legitimidade de suas experiências como fonte de saber.

O conceito de escrevivência, desenvolvido por Conceição Evaristo (2014), contribui para pensar essas relações ao propor uma escrita que nasce da experiência e da memória coletiva. Trata-se de uma produção que articula corpo, história e palavra, deslocando a lógica tradicional que separa teoria e experiência. Nesse movimento, a escrevivência afirma que a vida também produz saber. Ao transformar experiências historicamente silenciadas em narrativa, Conceição Evaristo tensiona os modos hegemônicos de produção do conhecimento e reivindica a legitimidade das vozes negras como produtoras de memória, reflexão e teoria.

Ao tomar a experiência como fonte de elaboração intelectual, a escrevivência amplia os modos de compreender a realidade social e se configura também como prática de construção da memória coletiva, enfrentando os apagamentos históricos das experiências negras.

Narrativas negras e escuta no contexto educacional

No contexto educacional, diferentes autores têm destacado a importância de incorporar as experiências e narrativas dos sujeitos no processo educativo. Nesse sentido, bell hooks (2013) argumenta que a educação pode constituir um espaço de transformação social quando reconhece as experiências dos estudantes como parte fundamental do processo de aprendizagem. Na perspectiva da autora, práticas pedagógicas críticas devem considerar as dimensões sociais, culturais e afetivas que atravessam os processos educativos.

No contexto brasileiro, Nilma Lino Gomes (2017) ressalta que a valorização das histórias e memórias das populações negras constitui elemento fundamental para a construção de uma educação comprometida com a igualdade racial. Pois, conceber a diversidade de experiências presentes na escola auxilia na construção de práticas educativas que enfrentam as desigualdades históricas produzidas pelo racismo.

Nesse sentido, a escuta das narrativas negras no contexto educacional pode ser compreendida como prática que coopera para ampliar os modos de reconhecimento dos sujeitos e de produção de conhecimento na escola. Ao valorizar as experiências e histórias de vida, abre-se espaço para a construção de práticas pedagógicas e

psicológicas mais sensíveis às dimensões subjetivas, culturais e sociais que atravessam os processos educativos.

Dessa forma, a articulação entre Psicologia da Descolonização, escrevivência e educação possibilita a construção de novas perspectivas para pensar os processos de escuta no ambiente escolar. Ao reconhecer as narrativas negras como fontes legítimas de conhecimento, amplia-se não apenas a compreensão dos processos de subjetivação, mas também a possibilidade de transformação das relações institucionais que historicamente produziram silenciamentos e exclusões.

Nessa perspectiva, as escrevivências podem ser compreendidas como práticas de resistência coletiva, uma vez que produzem deslocamentos nos modos de escutar, ensinar e reconhecer os sujeitos no espaço escolar. Ao trazer para o centro experiências historicamente marginalizadas, essas narrativas tensionam estruturas de poder, questionam hierarquias epistemológicas e contribuem para a construção de instituições educacionais mais comprometidas com a justiça social e racial.

Caminhos que permanecem

Ao longo deste trabalho, buscou-se refletir sobre a potência das narrativas negras como dispositivo de escuta na Psicologia, articulando a proposta da Psicologia da Descolonização com a noção de escrevivência. Partiu-se do reconhecimento de que a produção de subjetividades no contexto educacional não pode ser dissociada das estruturas históricas atravessadas pelo racismo e pela colonialidade.

As escrevivências foram compreendidas como mais do que expressão literária. Constituem gesto político e epistemológico que afirma as experiências de mulheres negras como fontes legítimas de saber e reinscreve histórias historicamente silenciadas, produzindo deslocamentos nos modos de escuta e produção de conhecimento.

Assim, este trabalho propõe compreender as narrativas negras como dispositivos que ampliam as práticas da Psicologia no contexto educacional, contribuindo para a construção de uma atuação comprometida com a justiça social e com a valorização de diferentes formas de existência.

Mais do que oferecer respostas, este estudo abre caminhos. Que psicologia pode emergir quando escutamos aquilo que foi historicamente silenciado?

Se a colonialidade produziu silenciamentos, as narrativas negras seguem abrindo caminhos de memória, existência e resistência. Se a psicologia deseja contribuir para a

construção de outros horizontes de cuidado, talvez seja preciso escutar aquilo que por muito tempo foi mantido à margem. E se a escola participou da reprodução de desigualdades, ela também pode constituir-se como espaço de reconhecimento, pertencimento e transformação. Assim, este trabalho não se encerra nas páginas que o compõem; permanece como convite à escuta, à escrita e à construção de outras possibilidades de saber, existência e liberdade.

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista latino-americano**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.